

EDITORIAL

A profecia de Oseias apresenta uma longa história de recepção até os nossos dias. Como um texto da cultura, sua linguagem poética, densa, intensa e dialógica nos envolve numa complexa rede de significados, que traz em si uma pluralidade de vozes e se mantém aberta a novas possibilidades de leitura. No contexto de guerras, fome e crise de significados do oitavo século antes da era comum, em Israel Norte, o texto de Oseias nos interpela com uma força própria, performativa, que vai além da transmissão de uma mensagem.

Mais do que a busca por um “sentido original”, no processo de leitura os resultados são imprevisíveis, pois não obedecem a uma lógica exata, linear, plana e transparente. Vamos ao texto bíblico com perguntas e desafios de nossa realidade atual, que não foram feitas à época da composição do texto. Podemos dizer que lemos o texto e o texto “nos lê”, o texto se revela e nós somos revelados pelo texto, num processo inesgotável de apropriação e recriação de sentidos, na história e nas diferentes culturas.

Por sua vez, a linguagem do texto bíblico está em relação com condições e instituições econômicas, sociais, políticas e culturais específicas, não só expressando-as, mas também lhes dando forma. Neste sentido, um dos desafios que nos tem sido proposto pela exegese bíblica e pelas recentes pesquisas arqueológicas é a revisão da linguagem do texto bíblico a partir do reconhecimento de Israel Norte, ou do Reino do Norte, como costumamos chamá-lo, como um reino anterior, independente e hegemônico em relação a Judá até o final do séc. VIII a.E.C.

As evidências materiais da superioridade geopolítica, econômica e demográfica de Israel Norte implicam uma nova leitura da história dos dois reinos, Israel e Judá, e, conseqüentemente, uma revisão da interpretação que fazemos dos textos bíblicos a partir desses novos referenciais. Durante muito tempo, o Reino do Norte foi relegado a um segundo plano nos estudos bíblicos, ou sua história e teologia foram avaliadas negativamente a partir de certo imaginário de “pureza” do culto a Javé, associado a certos ideais éticos, consolidados pela tradição do Sul.

O núcleo mais antigo da profecia de Oseias tem sido situado no contexto de Israel Norte, no séc. VIII a.E.C., não obstante tenha passado por sucessivas releituras a partir de Judá. O que significaria, então, rever a dimensão político-religiosa da linguagem de Oseias, altamente simbólica e metafórica, a partir da rede

de significados das tradições norte-israelitas *locais* e das influências do contexto *regional* do Levante? Por exemplo, seria possível admitir a diversidade e autenticidade de divindades, ritos, objetos e expressões culturais norte-israelitas, em relação ao modelo fundacional único da aliança de Javé com Israel e de uma única forma de culto? Por conseguinte, admitindo-se a legitimidade do culto a diversas divindades e de diferentes formas de culto a Javé, e dada a relação intrínseca entre culto nacional (a Javé) e política do rei na religião do Antigo Oriente Próximo, em que consistiria o núcleo da crítica da profecia de Oseias? Parece-nos que essas e outras questões podem nos ajudar a superar certo dualismo estabelecido na interpretação do livro de Oseias entre, por um lado, cultos de fertilidade, associados a divindades canaanitas, considerados pervertidos, primitivos e inferiores; e, por outro, culto a Javé, israelita, associado a referenciais essencialmente éticos, considerados superiores em relação à religião local.

Diversos métodos e hermenêuticas têm sido valiosamente usados na leitura crítica de Oseias, procurando discernir o caminho de superação dos conflitos que se manifestam através de sua profecia. Como diz o dito popular, o caminho se faz caminhando... Neste número de *Estudos Bíblicos*, busca-se mais uma vez lançar luzes sobre possíveis leituras da profecia de Oseias.

Tércio Machado Siqueira analisa a perícopa de Os 2,4-25. O autor considera este texto um dos juízos mais radicais do profeta, seguido do apelo para que o povo voltasse ao deserto e deixasse Javé lhe falar ao coração. Sem recomendar e oferecer soluções mágicas e bélicas, ele propõe um caminho libertador que depende tanto do amor e da bondade de Deus, como da vontade do povo de Deus.

Jovanir Lage trata da guerra siro-efraimita a partir de Os 5,8-15. A disputa territorial a partir da qual Judá move os marcos de suas fronteiras e Efraim se envolve com a Assíria para destruir Judá leva à quebra do direito, *mišpaṭ*, e provoca a ação punitiva de Javé.

Paulo Portellada destaca na perícopa de Os 8,1-14 a apresentação de Javé como o amante de Israel, teologia que vai marcar a teologia judaica e que será também significativa para o cristianismo. Ao mesmo tempo em que o profeta denuncia o culto idolátrico, a injustiça, o esmagar do direito e o uso de violência, sua aposta se firma no amor e na misericórdia divina.

Bruno Cavalcante de Souza analisa a denúncia profética contra as alianças estrangeiras no texto de Os 9,1-9. A dura sentença a um contexto religioso claramente banalizado é que Israel haveria de ser devastado e, em fuga, a nação haveria de passar por dias extremos na luta pela sobrevivência. No entanto, como um autêntico mensageiro do amor, o profeta demonstra que a aliança haveria de ser restaurada por Javé, que, mesmo na adversidade, continuaria cuidando do seu povo.

Silas Klein Cardoso repensa a religiosidade popular feminina no contexto literário de Os 9,10-17, tendo como base teorias da metáfora cognitiva. Percebe-se, com isso, a importância generalizada da religião feminina no contexto do

Israel Norte, que funciona como *fonte* da metáfora, sendo a condição sociopolítica do Israel Norte o *alvo*.

Élcio Valdomiro Sales de Mendonça destaca o desenvolvimento superior de Israel Norte em relação a Judá, a partir do texto de Os 10,1-8: grandes vales férteis, produção de azeite e vinho para exportação, enorme apiário. A fertilidade do Norte era evidente no culto através das *mišbeḥot* e *maššebot*, altares e estelas, bem como na figura do touro jovem. Mas, na avaliação judaíta, a presença do touro jovem e o culto a outras divindades foram a causa do exílio nortista.

Suely Xavier dos Santos analisa a denúncia profética contra a infidelidade do povo a partir do tema da solidariedade e do direito em Os 12,2-11. A autora procura situar a mensagem e o profeta a partir da importância do Reino do Norte no século VIII a.E.C., bem como da “herança” deixada por Jeroboão II, a despeito das tradições serem elaboradas no Sul.

Cecilia Toseli propõe a revisão do significado da condenação dos “tours jovens” em Os 13,1–14,1 a partir das influências do contexto religioso de Ugarit nas tradições norte-israelitas acerca de Baal e da relação intrínseca entre culto nacional e política do rei no Antigo Oriente Próximo. A autora chama a atenção para a diversidade do culto a Javé no Norte e para a denúncia de Oseias contra o processo de desapropriação das terras das famílias camponesas.

Roberto de Jesus Silva apresenta a perícopes de Os 14,2-9 como o esforço do profeta em exortar Israel ao arrependimento. A partir do exame dos problemas encontrados na perícopes, tais como adições e outras possibilidades de leitura, notificados na crítica textual, o autor apresenta a relação entre Javé e Anat e Asherá, divindades femininas do panteão cananeu.

Rita de Cássia Scocca Luckner apresenta uma releitura do livro de Oseias pela ótica do crítico literário Northrop Frye. Sua perspectiva é a de que o texto bíblico emerge do encontro do mundo do texto, com suas narrativas histórico-míticas, com o mundo do leitor. Possui a capacidade de transfigurar a experiência do passado e atualizá-la, para então reorganizar e até transformar a realidade, reacendendo a compreensão sobre o próximo e principalmente sobre Deus, ampliando seus horizontes de sentido.

Agradecemos às autoras e aos autores que colaboraram neste número da revista *Estudos Bíblicos*, com o desejo de que a diversidade de seus olhares sobre o texto de Oseias suscite-nos novas leituras proféticas diante dos desafios da realidade atual.

Cecilia Toseli
José Ademar Kaefer

